

CCB, 7 MARÇO, 17H, PEQUENO AUDITÓRIO

MÚSICA CONTEMPORÂNEA DE PORTUGAL E ESPANHA

VIA LATINA

UM PROJECTO DA ORCHESTRUTOPICA COM

o **Grup Instrumental de València**

La Julve, cantaora flamenca

Joan Cerveró, maestro

Programa:

José Antonio Orts (1955), *Para tres colores del arco iris* * (2007) 10'

Luís Tinoco (1969), *O silêncio e as pedras* (2008) 10'

Mauricio Sotelo (1961), *Raíz del Aire* * (2006/2007) 18'

José Júlio Lopes (1957), *Verschwinden III* ** (2009) 8'

Martín Matalón (1958), *Las siete vidas de un gato* (1996) 16'

* Estreia em Portugal

** Estreia da nova versão

O Grup Instrumental de València é um ensemble musical especializado na interpretação de música dos séculos XX e XXI. A sua longevidade e perseverança na dedicação a este objectivo têm sido alimentadas pela força dos seus artistas, que fizeram deste ensemble uma referência fundamental na Nova Música Espanhola.

Com este concerto procura-se fomentar o conhecimento mútuo entre Espanha, Portugal e América Latina, através de uma mostra representativa das suas músicas de composição recente. Deste modo, neste programa diversificado terá lugar a música com suporte conceptual herdeiro da escultura sonora, a electrónica, o flamenco, a citação de outros estilos musicais e a estrita vontade de novidade. Nele mostraremos a diversidade, a vitalidade e a possibilidade de transformação de uma música que tem evidentes raízes centro-europeias, mas cujas manifestações mais interessantes se devem a interpretações que adaptam esta proveniência a novos lugares.

Este concerto inclui-se no âmbito do programa Via Latina, com a colaboração do European Ensemble Network, um projecto que fomenta o trabalho em rede dos grupos europeus de música contemporânea, num intercâmbio de projectos, músicos e compositores. Este tipo de trabalho busca criar um tecido cultural internacional de maior densidade, unindo as forças humanas de ensembles com objectivos estéticos e culturais comuns. Deste modo, este concerto em Belém, Lisboa, será correspondido com um concerto da OrchestrUtopica em València incluído no ENSEMS — Festival de Música Contemporânea de València.

VIA LATINA

A nova música de Portugal e Espanha em rede

De Lisboa a Valência, de Valência a Lisboa... o projecto **VIA LATINA** une dois mundos musicais que, apesar da proximidade geográfica, reciprocamente se desconhecem. A ligação que se estabelece assim, entre compositores, músicos e públicos de Portugal e Espanha, procura criar novos laços entre as culturas musicais contemporâneas dos dois países.

O concerto **VIA LATINA** faz parte de um projecto de cooperação internacional partilhado entre a **OrchestrUtopica** e o **Grup Instrumental de València** (um dos mais importantes e representativos agrupamentos espanhóis de música contemporânea). O projecto foi iniciado em 2009 com um primeiro concerto realizado em Lisboa, em Maio de 2009, na Culturgest, e consiste na realização de concertos, circulação de *ensembles*, partilha de programas, troca de maestros e músicos, e encomendas anuais a compositores, alternadamente, de cada país – cumprindo o duplo objectivo de contribuir positivamente para a internacionalização da nova música portuguesa e de iniciar uma série de colaborações em rede que aumentam a nossa visibilidade internacional.

Este projecto surge na sequência de encontros realizados em anos anteriores para a fundação do European Ensembles Network (EEN), uma associação europeia de agrupamentos de câmara que tem em comum o objectivo de promover a música contemporânea – esta associação internacional, de que ambos os agrupamentos são fundadores, abre um espaço dinâmico de colaboração entre os mais importantes *ensembles* europeus no plano musical, artístico e profissional.

Parece-nos natural e evidente que o início de uma rede de colaborações internacionais estabelecida pela **OU** se realize com Espanha. Num país geograficamente periférico como o nosso, o desenvolvimento na área da música contemporânea só pode fazer-se realmente ultrapassando (todas) fronteiras. As nossas fronteiras imediatas fazem-se com Espanha: um país com excelente e diversificada produção musical contemporânea, com um conjunto de importantes compositores, alguns deles com afirmação internacional estabelecida.

As afinidades entre os dois grupos ibéricos encorajaram o surgimento do projecto **VIA LATINA** como uma plataforma de revelação e revitalização de projectos musicais do espaço ibérico (e também latino-americano). Um dos aspectos mais relevantes deste projecto é o facto de ele ser realizado, para já, tendo por base os recursos exclusivos dos dois *ensembles*.

Através das diferentes iniciativas do projecto **VIA LATINA** são reveladas as proximidades e as afinidades estéticas das comunidades musicais dos dois países, o universo musical de cada compositor e as suas ligações e interesses. No primeiro concerto, a **OrchestrUtopica**, dirigida por Joan Cerveró, apresentou música de Francisco Guerrero, Alberto Posadas e Mauricio Sotelo – três grandes compositores espanhóis contemporâneos pouco conhecidos em Portugal; bem como Jorge Peixinho, António Pinho Vargas e Luís Tinoco – três grandes compositores contemporâneos portugueses pouco conhecidos em Espanha (este mesmo programa será apresentado, ainda este ano, pelo **GIV**, dirigido por Cesário Costa, em Espanha). A troca é, assim, feita num projecto concreto que aproxima e põe em paralelo as experiências e os mundos musicais destes compositores.

O concerto desta noite é uma proposta do **GIV** que inclui alguns compositores espanhóis e obras totalmente desconhecidos entre nós, algumas delas com pontos de interesse específicos (a inclusão de elementos da cultura popular andaluza, ou as interacções com outras artes).

A **OrchestrUtopica** e o **Grup Instrumental de València** associaram-se, portanto, na realização de um projecto recíproco de aproximação e conhecimento entre as comunidades musicais de Portugal e Espanha com o intuito específico de divulgar e promover a música de hoje nas suas diferentes formas, vozes e modalidades. A relevância deste projecto internacional é enorme, e a sua importância mede-se em vários níveis – desde logo, e na óptica da OU, na questão tão essencial da criação de mecanismos que contribuam decididamente para a projecção internacional da música contemporânea portuguesa.

A **OrchestrUtopica** recebe assim em Lisboa, hoje, o **Grup Instrumental de València**, dando continuidade ao projecto que desejamos que venha a permitir cada vez mais novidades, cada vez maior conhecimento recíproco, cada vez mais um espaço aberto de circulação e de partilha de projectos e ideias. A este concerto segue-se a ida da **OrchestrUtopica** a València, no próximo dia 14 de Maio, num concerto **VIA LATINA** em Espanha – levando no seu programa mais compositores portugueses e novas propostas.

O projecto VIA LATINA não seria possível sem o apoio do CCB, a quem queremos aqui agradecer publicamente.

José Júlio Lopes

Notas de programa:

José Antonio Orts | Para tres colores del arco iris * (2007) 10'

José Antonio Orts

Nascido em Mediana (Valência), estudou composição no Conservatório de Valência com Amando Blanquer e frequentou cursos de composição com Luciano Berio e Iannis Xenakis.

De 1986 a 1988 residiu em Paris, onde estudou com Yoshihisa Taïra e fez investigação em Música Electroacústica no CEMAMu dirigido por Xenakis, enquanto bolsheiro do Ministério da Cultura de Espanha.

Foi bolsheiro da Academia Espanhola de Belas Artes em Roma e artista residente no Centro Nacional de Arte Contemporânea Villa Arson e do Berliner Künstlerprogramm da DAAD.

Foi professor de composição e dirigiu seminários nos Conservatórios de Saragoça e Valência.

As suas obras têm sido estreadas e difundidas por alguns dos mais prestigiados intérpretes um pouco por todo o mundo.

Recebeu encomendas da Consellería de Cultura, do I.V.E.I., do Festival de Música Verticale (Roma), do Centro para a Difusão da Música Contemporânea, da France Culture-Radio France, da Orquestra e Coros Nacionais de Espanha, da Universidade de Valência, do Festival Inventionen (Berlim), entre outros.

A sua música caracteriza-se por uma cuidada elaboração da matéria sonora e pela sua discursividade. O gesto, a sintaxe e o tratamento do tempo são utilizados como projecção do próprio ritmo interior. Nas suas últimas obras orientou-se para a incorporação de valores visuais no discurso musical, mediante a utilização dos seus instrumentos sonoros fotossensíveis.

Em 2004 foi-lhe atribuído o Prémio Alemão de Arte Sonora.

Para tres colores del arco iris * (2007) 10'

Para grupo de câmara e instrumentos fotossensíveis. É uma obra em que se fundem elementos musicais, visuais e conceptuais num todo unitário. A sua poética surge a partir da ideia das cores da luz, da decomposição do branco e das combinações das cores primárias.

Estas combinações de cores têm um paralelismo sonoro, pois o “ruído branco” também se pode decompor em diferentes notas e acordes musicais, utilizando ressonâncias que funcionam como filtros.

O discurso musical é essencialmente tímbrico. Os instrumentistas, além dos sons habituais, produzem diferentes sons eólicos pensados como “ruído branco” ou “ruído rosa” e ainda alguns fonemas. Com eles actua um *performer* que por vezes os acompanha com diferentes dispositivos sonoros e outras vezes representa como solista.

O título *Para tres colores del arco iris* faz referência à ideia geral que está constantemente presente ao longo da obra, mas também de uma forma mais precisa, à intervenção final do *performer*. Nela, mediante um processo-demonstração real mas aparentemente mágico, juntar-se-ão diferentes elementos fotossensíveis para construir um instrumento que possa converter em música o fluxo luminoso procedente dos diferentes focos.

Luís Tinoco | O silêncio e as pedras (2008) 10'

Luís Tinoco

Formou-se em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa e, posteriormente, com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e do Centro Nacional de Cultura, completou um mestrado em composição na Royal Academy of Music em Londres. Presentemente encontra-se a fazer estudos de doutoramento na Universidade de York sob orientação de Nicola LeFanu.

Paralelamente à sua actividade de compositor tem exercido funções docentes na Escola Superior de Música de Lisboa e em outras instituições de ensino. Enquanto programador e divulgador musical destaca-se a sua colaboração com a Antena 2 da RTP como autor e produtor de programas radiofónicos dedicados à nova música, e mais recentemente assumindo a direcção artística do Prémio Jovens Músicos.

A música de Luís Tinoco é publicada no Reino Unido pela University of York Music Press | www.tinocoluis.com

Projectos futuros incluem a composição de *Paint Me* — uma ópera com libreto de Stephen Plaice encomendada pela Culturgest e com estreia prevista para Dezembro de 2010.

O silêncio e as pedras (2008) 10'

Foi escrita em resposta a uma encomenda da Miso Music Portugal.

A peça é dedicada ao Sond'Ar-te Electric Ensemble que fez a sua estreia em Dezembro de 2008.

Para a sua composição usei a instrumentação base do Sond'Ar-te (fl., cl., pno., vl., vc.) e um conjunto de blocos de granito combinados com sons pré-gravados e meios electrónicos em tempo real.

Contei ainda com o precioso apoio de José Luís Ferreira na realização informática musical.

Luís Tinoco, Julho 2009

(...)

O chão está cheio de insectos
que se confundem com as alfarrobas;
só sei deles às quatro da tarde
quando fazem a sombra falar.

(...)

Não há tempo para os grilos;
não há água no barro
nem mangueiras ao sol.
Só o silêncio e as pedras
e a areia nas mãos.

João Tinoco, *Tempo Redondo*, Ed. Ulmeiro

Mauricio Sotelo | Raíz del aire * (2006/2007) 18'

Mauricio Sotelo

O compositor madrileno Maurício Sotelo realizou os seus estudos de composição com Francis Burt na Universidade de Música de Viena. Sotelo frequentou a classe de composição de Roman Haubenstock-Ramati e estudou ainda música electroacústica com Dieter Kaufmann e direcção de orquestra com Karl Österreicher. Mais tarde completou a sua formação com Luigi Nono em Berlim e Veneza.

Recebeu, entre outros, o Prémio Nacional de Música, o Prémio Rainha Sofia, o Förderpreis da Fundação Ernst von Siemens, e os prémios de composição das cidades de Hamburgo, Colónia e Viena. A sua música foi seleccionada pela Tribuna Internacional da UNESCO em Paris e mereceu o reconhecimento de instituições como a Fundação Körber, a Fundação Alban Berg ou a Fundação Humboldt.

As suas obras têm sido estreadas nos mais prestigiados fóruns internacionais, como o Festival de Salzburgo, Festival Wien Modern, na Bienal de Veneza, o Maggio Musicale Fiorentino, Festival Internacional de Granada, entre muitos outros.

Como maestro tem-se apresentado em Munique, Viena, Amesterdão, Roterdão, Veneza e Madrid com as formações Klagforum Wien, Concentus Vocalis, Ensemble di Venezia, musikFabrik Köln, entre outras. Por outro lado, desenvolveu uma actividade pedagógica intensa, sendo convidado por instituições da Áustria, Alemanha, Espanha, Itália, Japão e Estados Unidos. Maurício Sotelo é membro do Conselho Superior de Ensino Artístico de Espanha.

Raíz del aire * (2006-2007) 18'

As obras de Mauricio Sotelo respondem de uma forma muito especial à vontade de unir tradição e modernidade. Com uma composição como *Raíz del Aire* para voz (*cantaor*), estreada em 2005-2006, Sotelo consegue um universo de estrutura própria fortemente marcada e absolutamente capaz de competir com a electrónica. Os sopros e as cordas em crescimento rítmico e sonoro destacam as ampliações microtonais através das tonalidades intermédias de amplo espectro cromático. A tonalidade fundamental do flamenco, característica não apenas desta obra, impregna uma vez mais a composição.

Sotelo inclui sons com as linhas do *cantaor* que são integrados no conjunto sonoro da obra.

Depois de uma introdução de treze compassos que marca um espaço sonoro, estendem-se numa expansão sonora fina e ligeira as séries de sons, que formam uma estrutura base diatónica microtonal, expandindo-se em forma de ondas, ou seja, subindo e descendo, formando curvas, tal como indica a partitura. Poderia utilizar-se ainda a imagem de uma vibração esculpida no ar. As estruturas base continuam presentes na imaginação; transparece sobretudo a segunda aumentada, apesar da redução microtonal. A *Bulería* com que termina a peça evoca o passado, o que leva a que os desenvolvimentos precedentes cumpram o que Sotelo formulou no seu esclarecedor comentário: a tentativa de criar um novo instrumento musical sobre a base de uma praxis musical antiga, o flamenco.

Na realidade, o *cantaor* entra no compasso 71 como um instrumento que, ainda que tendo identidade própria, é tratado como mais uma voz no conjunto. À medida que a sua linha vocal avança paralela aos diferentes instrumentos vai-se “incrustando” no conjunto. Assim, a voz do *cantaor* não tem uma mera função decorativa, mas converte-se numa parte integrante da obra. Tal acontece no âmbito criativo imaginativo-intencional da obra, que é determinado pela figura abstracta “onda”; não é em vão que aparece na partitura no compasso 14 a indicação “como uma onda”, referindo-se aqui evidentemente à estrutura ondulada da luz. Mas quando volta a aparecer no compasso 36, acompanhada agora do subtítulo “La Mer”, significa algo mais: esta composição de Sotelo prova, entre outras coisas, que as ondas de som podem encher o oceano até o transbordar, até o fazer rebentar.

José Júlio Lopes | Verschwinden III ** (2009) 8'

José Júlio Lopes

Nasceu em Lisboa em 1957. Começou por compor música de cena. Actualmente o seu catálogo inclui música para orquestra de câmara, instrumental, vocal e coral, voz e piano, electroacústica e ópera. Estudou piano (com Teresa Meneres e Nuno Vieira de Almeida) e formação musical; composição com Fernando Lopes-Graça, Christopher Bochmann, Carlos Caires e António Pinho Vargas; participou em *master-classes* e seminários de composição de Emmanuel Nunes na Fundação Calouste Gulbenkian e Franco Donatoni na Royal Academy of Music. José Júlio Lopes também completou o mestrado em Ciências da Comunicação e prepara actualmente o doutoramento sob o tema “música, drama, novos *media*: a ópera do futuro” (Universidade Nova de Lisboa); é professor universitário e é também investigador no CESEM (Universidade Nova de Lisboa).

Na sequência do seu trabalho inicial de composição para teatro (tendo trabalhado com os encenadores Filipe La Féria, São José Lapa, Alberto Lopes, Norberto Barroca, Jorge Castro Guedes, Carlos Fogaça, Paulo Monteiro, entre outros), interessou-se pela ópera e projectos de teatro musical, o que contribuiu para influenciar a sua convicção de que “a música contemporânea é essencialmente dramática”. Em 1986 apresentou *Averroes*, uma obra de teatro musical multimédia baseada num conto de Jorge Luis Borges. Depois desta experiência, em 2000 compôs *Nefertiti*, uma ópera-teatro (que encenou, foi co-autor do libreto e que co-produziu com o Teatro Nacional D. Maria II e o Teatro da Trindade, subsidiada pela SEC). A sua música é regularmente apresentada e interpretada por importantes artistas, grupos e *ensembles*. Entre as obras mais significativas encontram-se *Ein Bahn Str — a small drama after RM Rilke* (2003); *PYR* para orquestra de câmara (2003); *Magma* (Casa da Música, concerto de inauguração em Abril 2005); *SpaceCtrl* para orquestra de câmara (Dresdner Musik Festspiele, 2005); *Dazibao* (2006); e *Videowall* (2006). Em 2007 apresentou na Culturgest a sua última ópera *W*; em Janeiro de 2009 a peça *Verschwinden I*, e em Abril do mesmo ano nos Dias da Música apresentou, incluídas no projecto Bach Bem Temperado, as obras *MarimBach* e *Bach à Parede* (esta última em co-autoria com Filipe Esteves); em Setembro de 2009 estreou também *Verschwinden II* e *X-Acto*; em breve estrearão *Underscore*, *Blow up* e uma nova encomenda, *Void*. Foi co-fundador e é director artístico da ORCHESTRUTOPICA.

Verschwinden III ** (2009) 8'

A série com o título *Verschwinden* (desaparição) corresponde a um conjunto de ensaios ou experiências sobre um mesmo programa, a partir do qual são estabelecidos os parâmetros do desenvolvimento da peça. O material musical possui a mesma base harmónica e, em cada caso, são experimentadas diferenças discretas de gestos rítmicos e enfatizados aspectos particulares no plano tímbrico. Nesta versão a improvisação é integrada de uma forma mais íntima e orgânica.

copyright © 2009, José Júlio Lopes

Martín Matalón | *Las siete vidas de un gato* (1996) 16'

Martín Matalón

Nasceu em Buenos Aires em 1958. Estudou na Julliard School em Nova Iorque, onde completou o mestrado em composição. Em 1989 fundou o *ensemble* Music Mobile — um grupo sediado em Nova Iorque e dedicado à música contemporânea — de que foi director musical até 1996.

Em 1993 instalou-se definitivamente em Paris, tendo sido encarregado pelo IRCAM da música para a versão restaurada de *Metropolis* de Fritz Lang. Logo depois mergulhou no universo de Buñuel, tendo composto música para os filmes surrealistas de 1927 a 1932: *Las Siete Vidas de un Gato* (1996); *Un Chien Andalou* (1927); *Le Scorpion* (2001); *L'Age d'Or* (1931); e *Traces II (la cabra)* em 2005; *Las Hurdes (Tierra sin Pan)* em 1932.

Em 2003 e 2004 esteve em residência artística com o Arsenal de Metz e a Orquestra Nacional de Lorraine, foi professor convidado na Universidade McGill em Montreal e é actualmente compositor residente de La Muse en Circuit.

Em 2005 recebeu um prémio da Fundação Guggenheim de Nova Iorque e o prémio da Academia Francesa de Belas Artes. Em 2001 foi galardoado com o prémio da cidade de Barcelona e uma bolsa da Academia Americana de Artes e Letras, assim como o prémio Opéra Autrement do Centro Acanthes, para a produção da ópera de câmara *El Milagro Secreto* baseada no conto homónimo de Jorge Luis Borges.

O seu catálogo inclui um grande número de obras de câmara e para orquestra de géneros diferenciados: contos musicais, teatro musical, obras coreográficas, instalações, música mista, ópera de câmara, *hörspiel*...

Martín Matalón escreveu para a Orquestra de Paris, a Orquestra Nacional de France, a Orquestra Nacional de Lorraine, a Orquestra de Barcelona e Catalunha, o Ensemble Intercontemporain, as Percussões de Estrasburgo, o MusikFabrik, o Court-circuit, o Barcelona 216, e o Ensemble Modern.

A sua discografia inclui três CD monográficos publicados pela Universal e dois CD produzidos pelo IRCAM. Os seus projectos futuros incluem uma ópera que será produzida e estreada pelo Grande Teatro de Aix-en-Provence e o Teatro Amandiers de Nanterre.

A série *Trames*, iniciada em 1997, é um conjunto de obras nas fronteiras entre a escrita do concerto e a música de câmara. A série *Traces* destina-se a instrumentos solistas com electrónica em tempo real. Ambos os ciclos constituem para o compositor uma espécie de “diário íntimo” e formam uma parte importante do seu catálogo.

Las siete vidas de un gato (1996) 16'

Para flauta, clarinete, trompete, dois percussionistas, piano, violino, violoncelo e banda magnética. Encomenda do Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona, dedicada a Ernesto Martínez Izquierdo.

Contraponto musical para *Un Perro Andaluz*, o filme legendário do realizador espanhol Luís Buñuel, *Las siete vidas de un gato* é o segundo contraponto cinematográfico de Martín Matalón, após *Metropolis*.

A ausência de elementos narrativos no filme de Buñuel permitiu ao compositor uma relação mais livre com a imagem, deixando que a partitura seguisse a sua própria lógica. Não obstante, apesar da sua autonomia relativamente ao que acontece no ecrã, há uma série de pontos de união entre a música e o filme: a extrema densidade deste filme breve recebe uma música de complexidade equivalente; o tom geral da peça é sugerido pela cruzeza, a ironia e a irracionalidade das imagens; finalmente, a adopção da velocidade da montagem repercute-se em eventos musicais que não duram mais que três ou quatro segundos.

A partitura começa com uma espécie de cortejo que passa ao nosso lado, sacudindo-nos de polirritmia. Acentuado pela tarola, dentro de um enxame, é liderado por um violino que articula a marcha com os seus *glissandi*, um trompete que grasna e um violoncelo que repete uma quinta diminuta com a obstinação de um disco riscado.

Isolado nesta estrutura de polirritmos, os protagonistas parecem surdos ao que se passa em redor e presos em algum tipo de movimento elementar e obsessivo. Apenas o piano, que cruza o cortejo em diagonal, se mostra livre de qualquer limitação, adquirindo deste modo um carácter irracional e selvagem.

O autismo generalizado transforma-se rapidamente no seu oposto. O espaço acústico abre-se repentinamente, os instrumentos lançam-se em imitações, jogos circulares de eco que revelam a sua verdadeira dimensão e que reflectem constantemente o mesmo objecto musical até à confusão e deslumbramento.

A marcha produz-se sem respirações. O fluxo de ritmos é encadeado por uma *suite* dançante de solos instrumentais. Um tango cáustico e uma valsa áspera entregam-se ao espectáculo da competição pela superioridade individual, tanto nas formas, submetidas a uma considerável actividade colectiva, como na expressão que atinge a saturação. Os personagens de Buñuel são intemporais, ultrapassam a psicologia e a narração. Pelo contrário, Matalón parece ter pressa: ao violino dá-se a volta, o trompete é histriónico, o clarinete verboso... a agitação da métrica e do ritmo que se aquietam até reaquecer. Depois de uma breve intervenção dos instrumentos ressonantes a peça termina numa quebra abrupta da tensão.

Pascal Ianco

Biografias

ISABEL JULVE

Depois de estudar dança clássica, música, flamenco e canto em Madrid e Valência, com El Guito, Paco Romero e Robert Sandal, Isabel começou a participar em digressões internacionais com artistas de renome, como La Tani, Morenito de Iyora, Chicuelo, entre outros.

O seu primeiro trabalho discográfico data de 1994, com o guitarrista Gerardo Núñez. À frente da sua própria formação participou em festivais reconhecidos, como o de flamenco de Torrent em 1997 e o de Valência em 1999. Tocou ainda com Maite Martín em Barcelona.

Em 1996 estreou-se como atriz no Teatro Principal de Valência com *Las Arrecogías* de Martín Recuerda. Participou como solista com o Grup Instrumental de Valência em *El Amor Brujo* de Manuel de Falla, que foi apresentado em Valência, México e Buenos Aires. Com o mesmo grupo tem-se apresentado em obras de Mauricio Sotelo.

Desde o final dos anos oitenta trabalha com o guitarrista Ricardo Esteve numa das formações de primeiro plano do flamenco valenciano. Faz também parte do grupo Jerez-Texas.

JOAN CERVERÓ

Nasceu em Manises (Valência) em 1961. Estudou nos Conservatórios de Valência, Madrid, no Liceo de Barcelona, na Schola Cantorum de Paris e na Guildhall School of Music em Londres. Continuou os estudos de direcção com Antoni Ros Marbá, Sergio Celibadache, Arturo Tamayo e Adrian Thorn, e de composição com Marco Stroppa, Magnus Lindberg e Kaija Saariaho no IRCAM.

Como compositor, dedicado principalmente à música com cena, recebeu diversos prémios e colaborou com Carles Santos, Nuria Espert, Irene Papas, Dario Fo, La Fura dels Baus, Nacho Duato, entre outros.

Como maestro apresentou-se um pouco por todo o mundo. Em 2006 estreou-se na ópera no Teatro Real de Madrid com *Dulcinea* de Mauricio Sotelo. Dirigiu as estreias espanholas de *Four Notes Opera* de Tom Jonson, *Europera n.º 5* de John Cage, e *Neither* de Morton Feldman.

Dedicado à música contemporânea dirigiu obras de todo o século XX, desde *A Sagração da Primavera* de Stravinsky e a *Sinfonia* de Berio, à estreia absoluta de obras de compositores europeus, sobretudo espanhóis.

É director do Festival Internacional de Música Contemporânea ENSEMS e maestro titular da Orquestra Sinfónica de Valência. Em 2004 foi nomeado director musical do Ballet de Teatros do Governo valenciano.

Desde 1994 é director artístico do Grup Instrumental de Valência, agrupamento de câmara especializado na interpretação de música contemporânea, que recebeu em 2005 o Prémio Nacional de Música na especialidade de interpretação.

O **GRUP INSTRUMENTAL DE VALÈNCIA** (GIV) é um *ensemble* dedicado à interpretação da música dos séculos XX e XXI. A sua dedicação contínua e exigência interpretativa, tornadas possíveis graças ao interesse e determinação de diversos solistas pela música actual, tornaram-no um dos protagonistas fundamentais para conhecer a música espanhola.

Com a concessão em 2005 do Prémio Nacional de Música, na categoria de Interpretação, aumentou o seu prestígio e o compromisso com a música actual do país vizinho.

Formado em 1991, tem residência na cidade de Valência, onde se realiza a sua temporada de concertos, além de intervir activamente nas programações de música contemporânea por toda a Espanha.

O GIV é composto por uma formação principal de 19 músicos e o seu repertório abarca a música de câmara e a formação orquestral. Ao longo do seu percurso tem abordado obras clássicas do repertório contemporâneo: Stockhausen, Webern, Donatoni, Boulez, Xenakis, Ligeti, Schoenberg, Stravinsky, assim como as obras espanholas de Pablo, Halffter, Marco, Sánchez-Verdú, Sotelo, Posadas, Guerrero, entre outros

O estímulo permanente que mantém o grupo é o compromisso com a cultura do nosso tempo e lugar, pelo que o seu repertório inclui os princípios canónicos da modernidade, a recuperação da memória musical dos compositores até à mais absoluta actualidade, com a estreia e a encomenda de novas obras em cada temporada.

Defende o compromisso cultural da interpretação de músicas para lá da partitura, estando envolvido em acções educativas e de divulgação, assim como a colaboração com outras artes, como a dança e o teatro ou poéticas musicais diferentes da académica, como a *performance* e a criação-vídeo.

O GIV foi convidado a actuar em diversos festivais nacionais e internacionais no México, Argentina, Cuba, Venezuela, França, Itália, Roménia, Alemanha, Áustria, entre outros.

É apoiado pelo INAEM do Ministério da Cultura de Espanha. É uma formação concertada com o IVM — Institut Valencià de la Música, residente do IVAM — Institut Valencià d'Art Modern e do Festival Ensembles.

| INTÉRPRETES |

José María Sáez Ferríz, flauta | José Cerveró, clarinete e clarinete baixo | Vicent Campos, trompete | Manuel Gasent, percussão | Lluís Marzal, percussão | Carlos Apellániz, piano | María Carmen Antequera, violino | Mayte García-Atienza, violoncelo | Gregorio Jiménez, electrónica | Isabel Julve, “La Julve”, *cantaora* flamenca | Joan Cerveró, direcção

ORCHESTRUTOPICA

Director> José Júlio Lopes | Maestro titular> Cesário Costa | Produção> Élio Correia | Assistente> Helena Romão | Presidente da Mesa da Assembleia-geral> Paula Gomes Ribeiro | Presidente do Conselho Fiscal> André Sá Machado | Maestros convidados> Yu Feng (Chi), David Allen Miller (EUA), Odaline de la Martinez (GB), Tapio Tuomela (Fin), Fabián Panisello (ARG), Jean-Sébastien Béreau (FR), Olivier Cuendet (SUI), Santiago Serrate (ESP), Joan Cerveró (ESP), René Bosc (FR) | Solistas convidados> Ana Ester Neves, soprano (POR), Nicole Tibbels, soprano (GB), Fredrik Burstedt, violino (SE), Pedro Meireles, viola (POR), Yeree Suh, soprano (COR), Monique Krüs, soprano (NL), Guillaume Grosbard, violoncelo | Compositor-residente> João Madureira (2004); Nuno Côrte-Real (2005).

A ORCHESTRUTOPICA é uma Associação Cultural Sem Fins Lucrativos | copyright © 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008 & 2009 ORCHESTRUTOPICA | Todos os direitos reservados | O logótipo e a designação ORCHESTRUTOPICA são propriedade da ORCHESTRUTOPICA ACSFL |

A **ORCHESTRUTOPICA é uma estrutura apoiada financeiramente pela Direcção-Geral das Artes – Ministério da Cultura (2003, 2004; 2005/2008; 2009/2012)**

Concerto Via Latina | 89.º concerto | Direcção artística do projecto: José Júlio Lopes e Joan Cerveró | co-produção: ORCHESTRUTOPICA / CCB / GRUP INSTRUMENTAL DE VALÈNCIA | Produção executiva: OU – Élio Correia | Conteúdos, traduções e adaptação de conteúdos:

Helena Romão | Créditos da OU e/ou dos autores identificados | VIA LATINA ©® (incluindo textos), 2010, ORCHESTRUTOPICA ACSFL

CONTACTOS

Lg. do Carmo, 18 – 1.º Esq. | 1200-092 Lisboa | Portugal | T & F + 351 213 474 148

e-mail: geral@orchestrutopica.eu

www.orchestrutopica.eu

Logos a incluir: ORCHESTRUTOPICA em residência no CCB, MC DGArtes, GIV, Gobierno de Espana, Instituto Valência de Espana